

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA

Urna deixa o palácio de helicóptero

BELO HORIZONTE
AGÊNCIA ESTADO

Mais de 90 mil mineiros viram o rosto embalsamado do presidente Tancredo Neves, ao longo das 15 horas de visitação pública no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. Das 16 horas de anteontem às sete de ontem, esse mineiros surpreenderam até mesmo os familiares do presidente, como o neto Aécio, que de pé ao lado do esquife recebeu velas, bilhetes, cartazes, imagens de santos e flores endereçadas a seu avô Tancredo, e ainda foi obrigado a consolar muitos que choravam convulsivamente.

Os tumultos do início da noite de terça-feira forçaram o governo mineiro e o cerimonial da Presidência a facilitar a visitação pública. Das quase 200 mil pessoas que se reuniram na praça da Liberdade quando o corpo chegou, poucas se afastaram do local sem tentar olhar o interior do esquife. Assim, a visitação só terminou às 7 horas de ontem, com a decisão da segurança de interromper as longas filas de populares. A decisão gerou protestos.

O cerimonial do governo mineiro foi, em parte, responsável pelos tumultos da noite: quando toda a praça procurava acalmar-se, com a multidão se organizando em filas, o serviço de som interrompia a paz para transmitir a voz de Tancredo. "As manifestações de apoio e solidariedade que hoje recebi de minha gente, durante mais de 30 quilômetros, com o povo aclamando-me e aplaudindo-me, de um lado e de outro, só não me arrebataram o coração porque ele é, na verdade, um coração de ferro a pulsar por Minas Gerais". Era uma gravação de um discurso que o presidente havia pronunciado no dia 18 de março, quando chegou a Minas pela primeira vez como presidente eleito. Mas muitos populares não entenderam isso.

"Queremos ver Tancredo", gritavam ao longo da madrugada, toda vez que a gravação era transmitida através do sistema de som. Com os gritos, dona Risoleta, cercada de

amigas que forçavam seu repouso, abandonou a ala residencial do Palácio da Liberdade às 3 horas da manhã de ontem, permaneceu alguns minutos ao lado do esquife do presidente, mas cansou-se com os cumprimentos e novamente se recolheu. Foi substituída pelos netos Aécio e Andréa, às 4 horas da manhã, que agüentaram firmes até as 7 horas.

Um pistonista diminuiu a consternação da multidão, das 3 horas de ontem até o final da visitação pública à urna funerária. Do centro da alameda Travessia, que corta a praça da Liberdade, ele animou a multidão a cantar durante toda a madrugada canções mineiras e hinos, como o Nacional e o da Independência. Às



O BRASIL SEM TANCREDO

6h40 de ontem o locutor anunciava que, dentro de poucos minutos, um helicóptero chegaria para "levar o grande mineiro Tancredo Neves". De fato, às 7 horas, um Bell da FAB desceu diante do portão principal do Palácio, numa manobra arriscada, levando a multidão — a esta hora ainda cerca de oito mil pessoas — a cantar "Está chegando a hora".

Interrompida a visitação pública, toda a família Neves pôde ficar por alguns minutos com o corpo do presidente no interior do Palácio. De fora vinham os gritos: "Risoleta, Risoleta, Risoleta". Antônio Britto, o secretário de Imprensa da Presidência, se empenhou para que apenas a

família contemplasse o corpo do presidente por alguns instantes. Também o secretário Carlos Cotta, de Governo e Coordenação Política de Minas, insistiu: "Vamos deixar a família com o presidente". Com os familiares ficou o frei Beto, que fez breve oração.

Eram 7h30 quando a urna funerária do presidente deixou o Palácio da Liberdade, carregada pelo filho de Tancredo Neves, Tancredo Augusto, o neto Aécio Neves da Cunha, o genro Gilberto Faria, o secretário Carlos Cotta, o governador Hélio Garcia e o ministro do Gabinete Militar, Rubens Bayma Denys. Os seis, seguidos por dona Risoleta, as filhas Inês Maria e Maria do Carmo, e a neta Andréa levaram o esquife até o helicóptero, entregando-o a cadetes da Polícia Militar e a oficiais da Força Aérea Brasileira. Foi o momento mais emocionante da despedida.

Do interior da praça da Liberdade o povo gritou forte: "Risoleta, Tancredo está conosco". A viúva do presidente segurou o neto Aécio pelo braço, rodeou o helicóptero e acenou para a concentração que, a esta altura, cantava o Hino Nacional. Os populares ergueram os braços, acenaram com lenços e bandeiras e dona Risoleta e Aécio, contrariando a programação, entraram no helicóptero que levou o esquife às 7h39 para a antiga Base Aérea da Pampulha, onde ele chegou às 7h46.

Enquanto o helicóptero colocava os motores em funcionamento, ainda no Palácio da Liberdade, o locutor improvisou emocionado: "Segue o filho mais querido da terra mineira, vai para sua terra natal, para lá ter o merecido descanso". Nelson Thibau, ex-deputado federal pelo então MDB, arrancou o microfone das mãos do locutor e exagerou nos gritos: "Está indo embora o grande líder, o grande mineiro, o presidente de todos os brasileiros". Nem a grande nuvem de poeira que o helicóptero levantou afastou a multidão, que cantou novamente "Está chegando a hora" e também "Oh Minas Gerais", animada apenas por um piston.



No velório, a presença constante do neto Aécio

Foto Agência Globo — Telefoto Estado